

Lá vem a História: Plutão

(Poema: Olavo Bilac; música: Hélio Ziskind)

*"Lá vem o quê?
Lá vem a história..."*

Negro, com os olhos em brasa,
bom, fiel e brincalhão,
era a alegria da casa
o corajoso Plutão.

fortíssimo, ágil no salto,
era o terror dos caminhos,
e duas vezes mais alto
do que o seu dono Carlinhos.

jamais à casa chegara
nem a sombra de um ladrão;
pois fazia medo a cara
do destemido plutão

dormia durante o dia,
mas, quando a noite chegava,
junto à porta se estendia,
montando guarda ficava.

porém Carlinhos, rolando
com ele às tontas no chão,
nunca saía chorando,
mordido pelo plutão...

Plutão velava-lhe o sono,
seguia-o quando acordado:
o seu pequenino dono
era todo o seu cuidado.

um dia caiu doente
Carlinhos.. junto ao colchão
vivia constantemente
triste e abatido, o plutão.

vieram muitos doutores,
em vão. Toda a casa aflita,
era uma casa maldita,
era uma casa de dores.

morreu Carlinhos... a um canto;
ganha e ladrava o cão;

e tinha os olhos em pranto,
como um homem, o Plutão.

depois, seguiu o menino,
seguiu-o calado e sério;
quis ter o mesmo destino;
não saiu do cemitério.

foram um dia à procura dele
e, esticado no chão,
junto de uma sepultura,
acharam morto o Plutão.